

MISSA CRISMAL DE 5ª FEIRA SANTA

18 de abril 2019

Catedral de Santa Maria de Viseu

JUBILEU SACERDOTAL

1. Caríssimos Sacerdotes, estimado Povo de Deus:

Uno-me na alegria da fé e no ideal sacerdotal a todos vós aqui reunidos nesta manhã de Quinta-Feira Santa, na Catedral de Santa Maria de Viseu, Igreja Mãe da nossa Diocese, para a celebração Solene da Missa Crismal. Nesta será consagrado o Óleo Santo do Crisma, (para ungir, na ordenação, os Bispos, os Sacerdotes e os Diáconos e ungir os Crismados e os Batizados); a bênção do Óleo dos Enfermos (para ungir, curar, fortalecer e perdoar os pecados dos doentes) e a bênção do Óleo dos Catecúmenos (para a unção dos que, pela graça do Sacramento do Batismo, se tornam Filhos de Deus e membros da Igreja). Renovaremos também as nossas promessas sacerdotais e celebraremos os Jubileus Sacerdotais dos sacerdotes que celebram os 25 anos e 50 de vida sacerdotal, a quem saúdo fraternalmente e dou os meus parabéns por este serviço de excelência à Igreja e ao Povo de Deus. Parabéns às vossas famílias e comunidades. Que Deus vos recompense com uma vida de santidade e fidelidade. Os sacerdotes são um dom de Deus concedido à Igreja. São João Bosco afirmava que era uma graça concedida a uma família.

Com esta solene Eucaristia, comemoramos também o dia em que Nosso Cristo Jesus comunicou o seu Sacerdócio aos Apóstolos e lhes deu a missão de “anunciar a Boa-Nova aos pobres, levar a libertação aos cativos e anunciar um ano da graça do Senhor.” Ao escutarmos com fé a Palavra de Deus, os sacerdotes revivemos, nesta manhã, nesta solene concelebração da manhã de Quinta-Feira Santa, na Missa Crismal, os momentos de graça espiritual e intimidade salvífica que Jesus viveu, celebrou e partilhou no Cenáculo com os seus “amigos”, os seus discípulos que escolheu como apóstolos, e na vigília da sua paixão, morte e

ressurreição. Nós somos também os discípulos missionários, os “amigos prediletos de Jesus” que, com o coração cheio de gratidão e júbilo, renovamos as nossas promessas sacerdotais. Realizadas com alegria e entusiasmo, cheias de beleza espiritual, de generosidade e disponibilidade que marcaram indelevelmente a nossa vida e o dia da nossa Ordenação Sacerdotal.

Nesse dia, subimos ao altar do Senhor para nos tornarmos “Alter Christus”, e, diante do nosso Bispo, aquele que teve a graça de nos ordenar, recebemos o Sacramento da Ordem. Fomos tirados do meio do Povo de Deus e Consagrados pelo Espírito Santo, que para sempre nos tornou sacerdotes, ministros ordenados, participantes do único Sacerdócio de Cristo.

Foi preciso subir ao altar do Senhor, dizer sim a Deus, e entregarmos a nossa vida a Cristo e à igreja, prostrando-nos por terra para nos despojarmos do homem velho e deixarmos que, pela oração de Consagração do Bispo, pela unção das nossas mãos com o santo Óleo do Crisma, nascêssemos para sempre homens novos em Jesus Cristo, que é de Ontem, de Hoje e de Amanhã.

Esta é a essência profunda do sacerdócio que deve marcar a nossa vida e o nosso estilo de sermos sacerdotes: “através do Sacramento da Ordem, recebido na Igreja, o sacerdote deve pôr-se ao serviço do Povo de Deus com peculiar pertença e configuração a Jesus Cristo, e, com a autoridade do seu agir “no nome e na pessoa” d’Ele, Cabeça e Pastor da Igreja” deve estar com alegria ao seu serviço (cf. S. João Paulo II, Pastores Dabo Vobis, nº 35).

É preciso “subir mais alto”, isto é, viver em fidelidade o celibato como dom, a pobreza voluntária como ideal, e a obediência que prometemos como dom de fecundidade espiritual, para centrarmos a nossa vida no essencial, dizendo, com coragem, não a um ativismo estéril, que nos leva a correremos o risco de ficarmos prisioneiros do presente, absorvidos pelas tarefas quotidianas, que nos levam a acumular canseiras e frustrações que

poderão ser prejudiciais à vida espiritual. Assim, “subir ao alto”, subir mais alto é ir à fonte da graça santificante e buscar a alegria da vocação, que faz de nós sacerdotes o melhor remédio para curar as tentações do “mundanismo espiritual”, a que estamos sujeitos. Uma vida testemunhada sob aparência de coisas boas, lícitas e até mesmo religiosas, podem afastar-nos de Deus e dos irmãos e levar a nossa vida a pôr a segurança nas coisas do mundo. Se isto acontecer, tornamo-nos mais gestores do material, mesmo em benefício do sagrado do que em administradores das coisas de Deus e servidores generosos da Igreja e do Evangelho.

Não podemos viver o serviço da salvação para com o próximo mergulhados em vidas ambíguas ou, pior ainda, em comportamentos humanos e morais que nos levam a situações de pecado, que ofendem gravemente a Deus, envergonham o nosso sacerdócio e fazem vítimas inocentes. Os abusos sexuais de menores, que devemos repudiar com toda a energia da nossa fé e da nossa ética, levam-nos a pedir a Deus que nos livre de tais pecados. Converti-nos ao vosso amor e dai-nos verdadeiramente um coração puro, modesto e casto.

2. Neste Ano Missionário, sinto uma particular alegria em encontrar-me convosco, como vosso Bispo e Pastor, a celebrar esta Eucaristia com cada um de vós, com o desejo de subir ao alto, de nos deixarmos transformar e santificar por Jesus Cristo, o Sumo e Eterno Sacerdote, a sermos Luz Pascal para o mundo de hoje.

À luz do Mistério Pascal sinto-me espiritualmente feliz, por ver os meus sacerdotes e diáconos e o Povo Santo de Deus, unido, em presbitério e em Igreja, “ao seu Bispo, como as cordas se unem à lira”. Na verdade, apesar de sermos todos diferentes, sentimo-nos todos unidos em comunhão sacramental, sinal de fraternidade e unidade no mesmo sacerdócio de Cristo, que faz de cada um nós um povo sacerdotal.

Um povo que sente o desafio a viver e a crescer como presbitério, em caminho sinodal, naquilo que é a prioridade do nosso desafio pastoral: a família, os jovens e as vocações.

O Ano Missionário deve levar-nos às raízes da nossa fé, da nossa identidade humana e cristã, do nosso apostolado, da experiência do nosso sacerdócio, a fim de fazermos um caminho Pascal rumo à contemplação da Pessoa de Jesus.

Quando o padre é um homem de escuta e de oração, a sua vida deixa-se transformar pelo Senhor, a sua vida sacerdotal não é meramente burocrática e a sua relação quotidiana com o Senhor produz frutos. Num encontro com os párocos de Roma, o Papa Francisco lembrava: “não poderemos viver o ministério com alegria sem viver momentos de oração pessoal, cara a cara com o Senhor, falando, conversando com Ele.” (15 de fevereiro de 2018). Transformados pela sua presença e iluminados pela sua graça, queremos ser, no exercício do nosso ministério sacerdotal: “sacerdotes normais, simples, mansos, equilibrados, mas capazes de se deixar regenerar constantemente pelo Espírito.” (homilia do Papa Francisco aos Missionários da Misericórdia a 10 de abril de 2018).

A nossa atividade missionária e pastoral como sacerdotes exige de todos nós que “sejamos luz para o mundo”, empenhados em “cultivar” e ‘elear’ o sinal da salvação no ‘deserto’ do mundo, onde a Cruz de Cristo deve aparecer como fonte de conversão e renovação para toda a humanidade e para toda a pastoral.

3. O desafio que nos faz o Evangelho de hoje e as leituras que escutámos levam-nos a olhar para o vasto campo da nossa Diocese de Viseu com olhar de esperança, vendo as suas alegrias, as suas dores, as suas dificuldades e as suas esperanças, que são as do próprio mundo (cf. GS). Quero convosco manifestar uma palavra de solidariedade para com o Arcebispo do Paris e o seu povo, para a Igreja da França que viu destruída parte da sua história de fé com o grave incêndio que destruiu parte da

Catedral de Notre-Dâme. Os mesmos sentimentos de dor e de prece nos unem às vítimas do grande acidente na Madeira, contemplando no mistério da Cruz e da morte a vida de Cristo e a sua entrega na Cruz. Unem-nos também na comunhão com as suas famílias, na oração de sufrágio e na comunhão com o Senhor Bispo da Madeira, nesta nova tragédia, que em plena Semana Santa marcou esta Diocese de Portugal. Deste modo, estamos próximos dos homens e das mulheres de hoje, das crianças, dos adolescentes e dos jovens, dos adultos, dos idosos, dos doentes e dos que partiram. Os seus problemas pessoais, familiares, sociais e religiosos, as suas angústias e as suas esperanças são as da Igreja. Este cenário reporta-nos para uma multidão de homens e mulheres que, em diversas partes do nosso território e do mundo, são humilhados pela injustiça, por serem refugiados, emigrantes ou de outras culturas e raças; muitos são cristãos e sofrem perseguição.

Os flagelos que afetam a humanidade de hoje são um desafio constante à própria Igreja, marcada pela carência de vocações sacerdotais, pela baixa de natalidade, pela desertificação do interior, pela fuga dos jovens mais qualificados, pela falta de trabalho digno, pelo cansaço, diminuição e desencanto. Perante estas dificuldades, os sacerdotes enfrentam novas exigências pastorais, perante as quais, muitas vezes, se tornam impotentes e cansados para responder de modo evangélico.

4. Devemos estar atentos a estes sinais, pois é necessário revigorar as nossas forças interiores pela oração e confiança na ação renovadora e santificadora do Espírito Santo. A oração e o estudo da Palavra de Deus, e a proximidade com os irmãos são antídotos importantes para sermos cada vez mais os sacerdotes segundo o Coração de Cristo.

A este propósito, lembrava o Papa Francisco na Jornada Mundial de Oração pelos Sacerdotes: "Não devemos, de facto, esquecer que o fascínio da vocação que nos atraiu e o entusiasmo com que escolhemos o caminho da especial consagração ao Senhor, bem como os prodígios a que

assistimos na nossa atividade presbiteral, têm a sua origem na troca de olhar que se deu entre Deus e cada um de nós.” (8 de Junho de 2018). Foi nesta troca de olhar que nasceu a nossa história espiritual e o mistério da nossa própria vocação sacerdotal.

A vocação sacerdotal requer em cada dia um compromisso de gratidão à Igreja Esposa fiel e obediente a Cristo, que, como Mãe, nos estimula a viver na graça de Deus e a percorrermos sempre os verdadeiros caminhos da santidade.

5. O Sacerdote, foi “escolhido de entre os homens... constituído em benefício dos homens” (Hb 5,1).

“Fazei tudo para glória de Deus. Servir a glória de Deus em tudo o que fazemos é o critério decisivo para o nosso agir, a síntese máxima do que significa viver a amizade com Jesus. Esta é a indicação que nos orienta quando não temos a certeza sobre o que fazer; que nos ajuda a reconhecer a voz de Deus dentro de nós, que nos fala na consciência para que possamos discernir a sua vontade. A glória de Deus é a agulha da bússola da nossa consciência.” (Homilia do Papa Francisco na Praça de São Pedro a 31 de julho de 2018). Todos formamos um único presbitério como confirmam as palavras de Santo Inácio de Antioquia:

“Tende o cuidado de fazer tudo com aquela concórdia que é do agrado de Deus, sob a presidência do Bispo, que representa o mesmo Deus, com os Presbíteros, que representam o colégio apostólico, e com os Diáconos, para mim caríssimos, aos quais foi confiado o serviço de Jesus Cristo.” (cf Epistola aos Magnésios, VI, I, S. João Paulo II na Carta aos Sacerdotes em Quinta Feira Santa de 1979). É este serviço livre, consciente e responsável, que nos leva a viver castos, pobres e obedientes a Cristo e àqueles que na Igreja o representam.

6. A Vocação sacerdotal na Igreja faz-nos participar da tríplice missão de Cristo: Profeta, Sacerdote e Rei, para darmos testemunho ao mundo do Sacerdócio do qual participamos através do Sacramento da Ordem que imprimiu em cada um de nós o “caráter sacramental”, que faz de nós sacerdotes servidores de Cristo, o Bom Pastor, enviados para a sua vinha, uma vez que o Sacerdócio Ministerial nos é dado para servir incessantemente o próximo como fazia Cristo Senhor; sem renunciar a nada, Ele ia ao encontro de todos, às periferias existenciais, abraçando as dificuldades e os sacrifícios das pessoas e anunciando a todos a “Alegria do Evangelho”. Caros sacerdotes, que a beleza deste dia, centrada na pessoa do Coração de Jesus, Sumo e Eterno Sacerdote, possa fazer crescer em nós o desejo da santidade. A Igreja e o mundo precisam de sacerdotes santos! O Papa Francisco, na Exortação apostólica sobre a santidade, *Gaudete et exultate*, aludiu aos sacerdotes apaixonados pela comunicação e anúncio do Evangelho, afirmando que “a Igreja não precisa de muitos burocratas e funcionários, mas de missionários apaixonados, devorados pelo entusiasmo de comunicar a verdadeira vida. Os santos surpreendem, desinstalam, porque a sua vida nos chama a sair da mediocridade tranquila e anestesiadora.” (Papa Francisco, *gaudete et exultate*, nº 138). Deixemo-nos, pois, transformar pelo Senhor Ressuscitado para sermos verdadeira luz para o nosso mundo.

7. Os caminhos que realizamos pastoralmente são um esforço para sermos “artistas” da pastoral no acolhimento, na escuta, no serviço, na oração, na humildade, na caridade, na compaixão e na proximidade para com todos; a “Arte de guiar as almas é a Arte das Artes” (Regra de São Gregório Magno), por isso, somos chamados a viver a dimensão plena da nossa vocação sacerdotal unidos à graça sacramental de Cristo, eterno Sacerdote e nosso Bom Pastor. Assim, “uns, na pastoral paroquial ordinária; outros, na terra de missão; outros ainda, no campo das atividades ligadas com o ensino, a instrução e a educação da juventude, ou então trabalhando nos diversos setores e organizações e acompanhando o

desenvolvimento da vida social e cultural; outros, enfim, no campo da assistência, ao lado dos que sofrem, dos doentes e dos abandonados, ou então, algumas vezes, vós próprios ‘pregados’ a um leito de dor. São assim diversas estas vias; e é mesmo impossível nomeá-las singularmente a todas...” (Carta de São João Paulo II aos sacerdotes 1979).

8. Em comunhão com o mandato do Senhor, que nos manda amar-nos uns aos outros, convosco, caros sacerdotes, queridos irmãos e irmãs na fé, dou graças a Deus pelo dom e ministério do nosso sacerdócio; convosco e com todas as famílias da nossa diocese, rezo a fim de que jamais falem na Igreja os sacerdotes santos que Ela precisa.

Confio estes bons propósitos, votos e orações a Maria Santíssima, Mãe de Cristo, sumo e eterno Sacerdote, a mulher luminosa, a Mãe dos sacerdotes, Aquela que nos acompanha sempre. São José, o homem justo e silencioso, São Teotónio, o pastor insigne, e o exemplo da missionária do povo, Beata Rita Amada de Jesus, apostola da “Família, da Eucaristia e do Rosário”, intercedam junto da Trindade Santíssima para que Deus conceda a todos nós, a todos os batizados, às famílias, às crianças e aos jovens, assim como a todas as pessoas de boa vontade e que vivem na nossa Diocese, a sua Santíssima bênção!

O vosso bispo e pastor, irmão e amigo no ministério. Amem!

+ António Luciano dos Santos Costa,

Bispo de Viseu